

O GATO

QUE SALVOU

A

BIBLIOTECA

SOSUKE NATSUKAWA



OU
TRO

Planeta

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

O GATO

QUE SALVOU

A

BIBLIOTECA

SOSUKE NATSUKAWA

Tradução
Flávia Yacubian



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

君を守ろうとする猫の話 (Kimi wo mamoroutosuru neko no hanashi),
de Sosuke Natsukawa
Copyright © Sosuke Natsukawa, 2025
Todos os direitos reservados.
Edição original em japonês publicada por Shogakukan. Edição em
português acordada com Shogakukan, por meio da Emily Books Agency
Ltd. e da Casanovas & Lynch Literary Agency S.L.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Flávia Yacubian, 2025
Título original em inglês *The Cat Who Saved the Library*

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Renato Ritto e Thiago Bio
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Penguin Random House Grupo Editorial
Adaptação de capa: Sandra Fava
Imagens de miolo: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Natsukawa, Sosuke
O gato que salvou a biblioteca / Sosuke Natsukawa; tradução
de Flávia Yacubian. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.
240 p. : il.

ISBN 978-85-422-3765-8
Título original: *The Cat Who Saved the Library*

1. Ficção japonesa 2. Literatura fantástica I. Título II.
Yacubian, Flávia

25-3625

CDD 895.63

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção japonesa

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

AQUELE QUE ANDA AO NOSSO LADO

Nanami estava absorta no livro e mal notou o brilho avermelhado que se espalhava pela mesa de leitura. Quando enfim olhou para cima, viu que o sol estava baixo, tingindo o céu sobre os telhados das casas. O ar perto da janela esfriava rapidamente.

Parecia que as árvores que ladeavam as ruas tinham assumido suas cores de outono apenas alguns dias antes; agora a sensação já era de estar à beira do inverno. Os dias ensolarados eram agradáveis; então, quando o sol começava a se pôr, a temperatura

despencava. Nanami não se importava com o frio em si, mas o ar seco do inverno era um pesadelo por causa da asma. Não importava se o tempo estava quente ou frio, de qualquer maneira, suas atividades eram sempre restritas. Depois de trocar para o uniforme de inverno da escola, apenas acrescentava um casaco ou um cachecol conforme a estação avançava.

O morro dos ventos uivantes havia chegado à conclusão dramática, e só por isso percebeu que ficara lendo durante muito tempo. Enquanto observava as sombras das árvores se alongando, ouviu vozes de crianças vindas do parquinho da escola ao lado. Mesmo no crepúsculo, conseguia distinguir um grupo de meninos correndo atrás de uma bola de futebol.

Já está tão tarde...

O sol brilhava na biblioteca em um ângulo profundo, quase horizontal, e não havia uma alma viva à vista. Tanto a senhorinha no assento da janela quanto a mãe na seção infantil já tinham ido embora fazia muito tempo. Contudo, era normal a biblioteca ficar deserta desse jeito.

Nanami olhou para o relógio e viu que eram quase seis da tarde: hora de fechar. Ela guardou o livro na bolsa. Quando se virou para sair, notou um homem parado em frente a uma das estantes próximas. O homem era grandalhão e vestia um terno cinza. Ele estava de costas para Nanami e, embora ela não pudesse ver seu rosto, uma voz na cabeça dela gritou um aviso instintivo:

É ele!

Ela o tinha visto muitas vezes antes na biblioteca. O terno perfeito, sem nenhum amassado, e o chapéu de caçador antigo no mesmo tom de cinza do terno davam a aparência de alguém em posição de chefia numa empresa. Embora não houvesse nada particularmente estranho em seu comportamento, Nanami tinha notado que era sempre depois das visitas dele à biblioteca que os livros costumavam desaparecer. Esse era o cara suspeito que ela havia mencionado para Itsuka.

Claro que não havia provas de que ele era de fato um ladrão de livros...

Nanami tentou acalmar seu coração palpitante e sua rompante sensação de desconforto.

Quando o homem desapareceu atrás da estante, ela se levantou e caminhou silenciosamente até onde ele estivera.

Aquela estante era repleta de romances de mistério voltados para jovens adultos, de autores como Edogawa Ranpo e Arthur Conan Doyle. Nanami olhou para os títulos familiares e imediatamente notou algo. Bem ao lado de uma fileira de edições completas de Sherlock Holmes, havia um grande espaço vazio. Era onde ficava a coleção completa de *Arsène Lupin*, o ladrão de casaca; os primeiros dez volumes haviam sumido. Em outras palavras, um terço do conjunto de trinta volumes estava faltando. Esta foi a primeira vez que ela viu tantos livros

desaparecerem de uma vez. Que empáfia pegar esse número de livros dessa coleção...

A série de Lupin, de Maurice Leblanc, era uma das favoritas de Nanami. O personagem principal era um mestre do disfarce e das artes marciais, um ladrão que ajudava os pobres e os sofredores. Quando Nanami era menor, Lupin era como um herói para ela. Tinha ficado tão obcecada por esses livros que costumava ter problemas com o pai por lê-los na cama, depois da hora de dormir. Ela sabia *A agulha oca* e 813 praticamente de cor, de tantas vezes que havia relido.

Nanami olhou na direção em que o homem tinha ido e o viu dobrando a esquina ao final de uma longa estante de livros. Por um momento fugaz, também avistou uma bolsa preta abarrotada.

Ela começou a andar mais rápido.

Nanami parou e espiou pela abertura nas fileiras de estantes; e dessa vez viu o homem entrando no corredor marcado como Literatura Francesa. Ela andou na pontinha dos pés atrás dele e notou uma sensação estranha no fundo do peito. Franziu a testa.

“Movimentos bruscos e esforço podem desencadear um ataque de asma.” As palavras do médico ecoaram em seus ouvidos. Sobrepondo-se ao eco, havia um som agudo de chiado no fundo de sua garganta, mas Nanami não parou. Quando chegou à placa de Literatura Francesa no final da estante, o apito havia aumentado para um gemido que enchia seus pulmões.

— Ai, não.

Sua voz já estava fraca. Sinal de perigo.

Do bolso direito, ela tirou o inalador, recostando-se em uma estante para tentar acalmar a respiração irregular. Não podia entrar em pânico. Contou cuidadosamente por dez segundos, durante os quais confirmou que o ataque não estava piorando.

— Não posso sair por aí bancando a detetive.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela afundou no chão, com as costas ainda contra a estante. Nanami não ligava de não poder correr pela floresta como Huckleberry Finn ou caminhar ao longo dos trilhos de trem como Gordie em “O corpo”, de Stephen King. Ainda assim, seria mentira dizer que não ficava chateada com sua incapacidade de se mover rapidamente em um momento crucial como aquele.

— Só preciso ser tão esperta quanto Lupin — murmurou ela, meio que reclamando, mas também tentando aumentar sua determinação. Nanami sabia que não havia sentido em se deixar desanimar por cada pequeno contratempo. Suas vias aéreas podiam ser lentas, mas sua mente era afiada como uma faca. O ponto crucial era que os livros tinham sido removidos da biblioteca em segredo. Uma grande parte da coleção de Lupin tinha sumido, tantos volumes que dessa vez nem mesmo o velho bibliotecário teimoso seria capaz de bufar com desprezo.

Quem era o homem misterioso? E por que ele roubaria livros velhos de uma biblioteca? Ele certamente não ganharia nada com isso.

Enquanto ruminava a respeito, Nanami virou a cabeça e espiou o corredor onde o vira pela última vez. Inspirou fundo, dessa vez de forma involuntária.

Na biblioteca, as estantes eram todas construídas da mesma forma – altas estruturas de aço com corredores estreitos idênticos entre elas. O teto era de um cinza lúgubre, com luzes fluorescentes opacas uniformemente espaçadas. Só porque um corredor era cheio de prateleiras de literatura francesa, não significava que fosse decorado como o Palácio de Versalhes...

Agora, porém, o que Nanami estava vendo não era o conhecido corredor mal iluminado; nem um exemplo deslumbrante de arquitetura barroca. Em vez disso, a extremidade mais distante do corredor estava infundida com uma luz suave branco-azulada. Em primeiro plano, as conhecidas obras completas e bem puídas de Baudelaire e Flaubert; mais abaixo, contudo, as próprias prateleiras pareciam ter assumido um brilho azul. Além do mais, as paredes na extremidade mais distante da biblioteca tinham desaparecido e as estantes pareciam continuar infinitamente na luz.

— O que está acontecendo...? — Nanami estava chocada.

A biblioteca era como um jardim para Nanami, um lugar pelo qual vagava livremente desde peque-

nina. Ela até já havia entrado na área do escritório e no depósito e fora repreendida pelo Sr. Amargo. Mas nunca tinha visto esta passagem brilhante.

Como se a luz a atraísse, ela se levantou, mas naquele momento ouviu uma voz profunda e cheia atrás dela:

— Não. Fique longe.

Ela virou para trás. Não havia ninguém. Nada. Bem, nada, exceto uma pequena sombra redonda encolhida sob a placa de Literatura Italiana no lado oposto do corredor.

Debaixo de duas orelhas triangulares desenhadinhas brilhava um par de olhos verde-jade. Bigodes prateados brilhantes estendiam-se ordenadamente de ambos os lados.

— Um gato...?

Sem sombra de dúvidas, era um gato.

Como se em resposta, ele se levantou e caminhou lentamente até Nanami. Era um gato grande e robusto, e seu pelo era uma mistura de marrom-alaranjado, amarelo e branco. Andou até ela, com lindos olhos brilhando, e então abriu a boca. Mais uma vez ela ouviu a voz profunda e cheia:

— Você está bem?

Nanami estava em choque, incapaz de responder.

— Você parece estar com dificuldades.

Os sons realmente saíram da boca do gato. Embora as palavras em si mostrassem preocupação com Nanami, o tom era intimidador.

Nanami piscou algumas vezes antes de dar um aceno hesitante com a cabeça.

— É, eu... ãhn... Acho que tô bem.

— Esplêndido.

O gato balançou a cabeça lentamente e então se virou para encarar a luz estranha.

— Não adianta se matar para isso — continuou ele. — Pode caçá-lo, mas nunca irá pegá-lo.

Era uma voz tão profunda e ressonante que Nanami a sentiu na boca do estômago. Até onde sabia, não havia nada de errado com uma combinação de biblioteca e gato. Só que, quando se tratava de gatos falantes, era uma história completamente diferente.

Ela colocou a mão no peito e respirou fundo uma vez. Os ruídos em seu corpo pareciam ter diminuído. Não houve ataque de asma. Ela tinha lido em algum livro que quando um ataque era forte demais, o cérebro podia ficar sem oxigênio o suficiente, causando alucinações. Não era o caso. Ela voltou a atenção para o animal falante na frente dela.

— Você é um gato, né?

— Sério? Tenho cara de quê? Cachorro?

Um gato estava ali parado perguntando se tinha cara de cachorro. Era o caos total. Não havia nada reconfortante naquela resposta.

— É que... nenhum dos gatos que eu conheço fala — Nanami ousou dizer.

— Bom, isso é uma idiotice da sua parte — declarou o gato. — Nós, gatos, não saímos matraqueando por aí como os humanos. Falamos quando é necessário. E ficamos quietos quando é necessário. Gatos são assim.

Foi a primeira vez que Nanami ouviu essa definição de gato. Colocou a mão na testa, mesmo não estando com dor de cabeça. O gato continuou calmamente:

— Enfim, preciso te contar uma coisa: não se aproxime daquela passagem.

— E o que é aquela passagem, afinal?

— Não é nada.

— Obviamente, é alguma coisa. — Nanami não deixaria aquela explicação barata. — Não tem nada de normal naquilo.

— Então, não é da sua conta. — As palavras duras tinham a intenção de desanimar. — O problema é mais complicado do que imagina — continuou o gato. — Se não tomar cuidado, as coisas podem ficar bem perigosas. Além disso...

— Você sabe algo a respeito daquele homem, não sabe? — Nanami interrompeu.

A pergunta direta pareceu pegar o gato desprevenido. Foi a primeira vez que Nanami o viu perder a calma. Uma pitada de perplexidade cruzou suas feições.

— Ele roubou os livros? — o gato perguntou para Nanami.

— Roubou, mas...

— Se fosse até o fim daquela passagem, iria encontrar os livros que ele levou. Mas, me escute, garota... — A voz do gato ficou firme: — Como acabei de falar: não é da sua conta. O que precisa fazer agora é muito simples: ficar quieta, tampar os ouvidos, fechar os olhos e ir embora imediatamente. Vai ser como se nada tivesse acontecido... Aaaai!

O gato gritou quando Nanami estendeu a mão e o agarrou pelo cangote. Ela trouxe o rosto da criatura para perto do seu.

— O... O que você está fazendo? — ele protestou em voz bem alta.

— Você disse que os livros estão lá?

— Me solta! Estou contando tudo isso para o seu bem!

O gato tentou encarar Nanami. No entanto, agora que estava pendurado em sua mão, não parecia nem de longe tão autoritário quanto antes. Tudo o que conseguia fazer era balançar a cauda grossa de um lado para o outro.

— Me conta como podemos pegar os livros de volta! — Nanami exigiu saber.

— Você não me ouviu falar que é perigoso?

— Bom, se é perigoso, significa que tem um jeito. Me conta qual!

O gato olhou de volta para Nanami com uma série de emoções em sua expressão – consternação, irritação, confusão e muito mais.

— E se eu me negar?

Nanami parecia refletir.

— Então, vou continuar te balançando assim até cansar minha mão.

— Isso é ridículo...

— Me provoca! Posso parecer fraca, mas sou mais forte do que imagina. Esses braços carregam pilhas de livros pesados há anos.

O gato parou de falar quando percebeu que Nanami falava sério. Depois de um momento de silêncio, ele murmurou numa voz resignada:

— Pode me soltar.

Nanami o colocou no chão. O gato se sacudiu.

— Você é uma menina muito estranha — constatou ele. — Não está com medo? A maioria dos humanos sairia correndo e gritando se ouvisse um gato falando.

— Então, eu sou uma minoria.

— Não é, não. O resto fingiria não ouvir.

Nanami assentiu.

— No meu caso, levei um susto, mas não tive medo. Estava mais preocupada com algo precioso que tinha acabado de ser roubado.

— Algo precioso?

— A coleção de Lupin.

Embora Nanami continuasse a falar calmamente, o gato devia ter notado o olhar sério nos olhos dela. Ele não fez mais objeções, em vez disso, manteve o olhar no rosto da garota, e sua voz ficou baixa e cheia de curiosidade:

— Você está levando isso bem a sério, né?

Nanami assentiu e indagou:

— Será que uma menina fraca com asma é tão inútil assim?

— A asma não é um problema. E tanto faz ser menina ou menino. Ao final da passagem, a sinceridade e a força no coração são as coisas que realmente importam.

— Eu nem sempre entendo conceitos complicados, mas, se é uma questão de coração, talvez eu possa ajudar. Sou mais durona do que aparento.

O gato encarou Nanami por um tempo antes de voltar a falar:

— De algum modo, isso parece ser verdade. — Ele suspirou profundamente e olhou para a menina. — Quer mesmo vir comigo?

— Sim, se for para ter os livros de volta.

— Não tenho ideia do que acontecerá nesta jornada. Tudo bem, criança?

Nanami assentiu, decidida.

— Primeiro — disse ela, erguendo uma das patas do gato com a mão esquerda e apertando com a direita —, não me chama de “criança”. Meu nome é Nanami. Prazer em conhecê-lo.

O gato puxou a patinha.

— Sou o Tigre, o gato malhado — respondeu de mau humor, sem retribuir o cumprimento.



Afinal, por que tinha decidido seguir o gato misterioso? Nanami não sabia explicar.

Tudo o que sabia era que, desde o momento em que ouvira a voz do gato, não sentira medo. Longe disso – sentira algo mais próximo da nostalgia.

Nanami conhecia o medo. Em mais de uma ocasião, pensou que poderia morrer; incapaz de respirar direito, a cabeça latejando, não conseguindo mais ouvir as vozes das pessoas ao redor. E, cada vez que ela chegava nesse beco, quase desistia. Agora, neste dia mais que bizarro, ela não iria desistir de nada. Especialmente no dia em que havia conhecido um gato falante.

— Uau! Todos esses livros...

Seguindo o gato, ela olhou ao redor e suspirou contente. Primeiro, passaram pelas prateleiras habituais de literatura francesa, mas então Nanami se viu caminhando por um corredor desconhecido com estantes de livros banhadas por uma luz suave e azulada. As prateleiras de ambos os lados estavam cheias de livros que ela nunca tinha visto. Eles tinham encadernações e letras com símbolos que ela nem reconhecia. Alguns eram encadernados em couro ou tecido, enquanto outros estavam embrulhados em folhas de papel desbotado. Essas prateleiras se estendiam a perder de vista, abarrotadas de cima a baixo com uma incrível variedade de material de leitura.

— E, no entanto, o mundo está com cada vez menos livros — comentou o gato.

— Menos livros? Como assim?

— Suponho que a mente humana esteja ficando mais fraca. Peninha. — O gato não soou especialmente incomodado. — Enfim, esta não é nossa preocupação agora.

— Sim, os livros que foram levados — disse Nanami. — O homem que os roubou está aqui?

— Isso mesmo. Mas ele nunca fica parado. Talvez a gente nem encontre com ele.

— Se o encontrarmos, qual é plano?

— Conversar.

Surpresa pela resposta racional, Nanami encanou o gato.

Sem parar, ele explanou:

— Já te falei, neste labirinto, a coisa mais poderosa é o poder da sinceridade. Mentiras são completamente inúteis. Portanto, para recuperar os livros, vai precisar ser sincera, falar sua verdade interior.

— Como conversar com o tipo de gente que simplesmente leva livros embora assim?

O gato ficou em silêncio. O único som vinha da sola dos sapatos de Nanami.

— Observação muito astuta — o gato falou, por fim.

— Suas respostas estão me dando ansiedade.

— Tem razão em ficar nervosa. Muitos humanos já se deixaram levar pelas palavras dele e nunca mais recuperam seus livros.

Nanami ficou quieta após essas palavras agourentas.

— Não se preocupe — o gato prosseguiu. — Você não vai morrer, nem nada do tipo. Só vai perder todas as lembranças associadas a esses livros. Ah, e nunca mais vai poder relê-los.

— Isso seria um problema sério.

— Olha só, é a primeira vez que concordamos em algo. Seria um problema para mim também.

Nanami fez uma careta diante do jeito amargo do gato.

— Mas eu acho que dou conta — assegurou ela.

— Surpreendente. Por que acha isso?

— Não sei — Nanami respondeu, completamente calma. — Só tenho a sensação de que vai ficar tudo bem.

A própria Nanami não entendia direito. Andando ao lado desse gato, toda a ansiedade e o nervosismo pareceram derreter. O gato se virou e lançou um olhar frio para ela.

— Otimismo infundado é uma coisa perigosa. “Para os mortais, a segurança é o principal inimigo, que jamais cansa.”

Nanami ficou surpresa.

— Uau. Nunca imaginei que ouviria uma citação de *Hamlet* numa situação dessa.

— Por outro lado, suponho que, em vez de choringos e reclamações o tempo todo, um pouco de otimismo não faria mal — continuou o gato. — Especialmente com um futuro tão incerto.

— Você é mesmo perverso, hein?

— Óbvio. Gatos são assim. — A voz de Tigre ecoou bem mais forte do que o necessário.

Conforme prosseguiam, o ar ficava mais claro.

— Inclusive — o gato falou, dessa vez mais suavemente —, não é *Hamlet*, é *Macbeth*.

A voz dele foi engolida por uma luz branca brilhante.



A luz brilhante começou a diminuir, e Nanami ficou surpresa com o que conseguiu ver. As pilhas de livros na passagem não estavam mais em lugar nenhum. Em vez disso, ela e o gato estavam parados em uma estrada de terra com sulcos, e as estantes de livros de ambos os lados tinham se tornado fileiras de árvores perenes. O sol brilhava forte, e Nanami precisou colocar a mão na testa para proteger os olhos.

— Um castelo...?

De fato, no final da estrada havia uma estrutura de pedra que só poderia ser descrita como um castelo. Na frente, imponentes reparos e, além, muralhas e uma grande torre. Posicionadas em vários pontos, havia o que se assemelhava a bandeiras heráldicas, exceto que não tinham brasão; eram apenas de um cinza sólido. Soldados montavam guarda; armas de cano longo que pareciam mosquetes

antigos penduradas sobre os ombros. O portão do castelo era um arco gigante do qual uma ponte levadiça resistente, suspensa por uma corrente, projetava-se sobre um fosso profundo.

Com certeza, era um castelo.

De repente, a terra pareceu tremer quando uma carroça puxada por cavalos surgiu da floresta atrás da dupla. Nanami pulou para o lado e ficou olhando enquanto ela acelerava seu caminho pela ponte levadiça e portão do castelo adentro.

— Tantos soldados — comentou Nanami ao espiar pelo portão por onde a carroça tinha desaparecido. Guardas com mosquetes montavam guarda ali também. — Eles vão atirar?

— O que foi? De repente, ficou com medo?

— Pessoalmente, acho mais estranho quem não fica com medo ao ver uma arma — retrucou ela.

— Não ligue para eles — o gato falou com seu sossego de sempre. — É só teatro. Os poderosos de verdade não precisam exhibir armas. Quanto mais fraco, mais você sente necessidade de se exhibir.

Com isso, ele caminhou em direção ao portão. Nanami o seguiu.

Por fim, eles o alcançaram, e os dois guardas de cada lado da ponte de madeira apenas os saudaram. Suas armas permaneceram paradas, mas Nanami se assustou quando viu os rostos deles. Ambos tinham pele baça e acinzentada. As expressões eram vazias, e as feições, estranhamente indefinidas; no

momento em que ela desviou os olhos, não conseguia mais se lembrar de como eram aqueles rostos.

— Eles possuem todos os mesmos rostos e não parecem muito bem... — disse ela.

— São os homens cinzentos — explicou o gato.

— São todos iguais.

De fato, todos os soldados visíveis além do portão — aqueles que montavam guarda no alto das ameias, os que cuidavam dos cavalos e até mesmo o cocheiro que tinha acabado de chegar — tinham o mesmo rosto cinza. O contraste entre o tom pálido idêntico da pele deles e o sol reluzindo sobre eles era assustador.

— Os homens cinzentos... — Nanami disse em voz baixa enquanto atravessavam as trincheiras de pedra castelo adentro. — Eu li sobre eles em um livro.

— Isso é uma informação valiosa.

— Como assim?

— Hoje em dia, poucos ainda sabem a respeito deles — falou o gato, sem olhar para trás. — Contudo, são extremamente perigosos. As pessoas costumavam conhecer essa ameaça, e escreviam sobre ela em livros. Agora, esse conhecimento foi esquecido.

Havia um traço de melancolia na voz habitualmente distanciada do gato.

— Você diz que foram esquecidos, mas não acho que serei capaz de apagar esses rostos assustadores da minha mente.

— Valorize essa sensação incômoda. O mundo inteiro está gradualmente se afogando no cinza. A maioria nem percebe esses seres dando um jeito de se embrenhar na vida cotidiana.

De repente, parecia que o céu tinha se alargado acima. As paredes de pedra tinham chegado ao fim, e eles emergiram em um grande pátio aberto.

A cena ali era ainda mais bizarra.

Bem no centro havia o que parecia um altar. Nele, fogo queimava e fumaça preta subia ao céu. Os soldados de rosto cinza estavam ocupados carregando caixas de madeira para o altar e tirando objetos delas para jogá-los no fogo. Outros soldados permaneciam rígidos e imóveis, aparentemente montando guarda. De vez em quando, soavam gritos e chamados, mas, como todos tinham a mesma expressão pálida e imutável, a vivacidade era apenas ilusão. A cena toda era estranhamente irreal.

Houve uma comoção logo atrás. A carroça estava de volta. Passou por Nanami e parou em frente ao altar. Soldados imediatamente se aglomeraram ao redor e começaram a usar ancinhos e pás para arrastar a carga para fora. Nanami franziu a testa quando reconheceu o conteúdo que caiu no chão.

Eram livros.

Livros de todos os formatos e tamanhos espalhados no chão como lixo.

— Tudo isso é livro? — ela questionou o gato.

— Sim. Estão trazendo-os do mundo todo e queimando-os aqui.

— Por quê?

— Porque acham que é a coisa certa a fazer.

Mas isso não era motivo.

Os soldados rastelaram os livros e os jogaram nas caixas de madeira. Então, carregaram as caixas até o altar, onde os jogaram, um após o outro, no fogo. As chamas saltaram mais alto.

Observando a carroça partir novamente, Nanami se virou para o gato:

— Estou até com medo de perguntar: os livros do Lupin já estão no fogo?

— Acho que não... Apenas livros fracos são queimados aqui. Os homens cinzentos não conseguem lidar com livros fortes. Estes são levados para outro local. A questão é: aonde?

Assim que o gato terminou de falar, Nanami teve a estranha sensação de que alguém a chamava e virou a cabeça.

Na verdade, não tinha ouvido uma voz, mas, enquanto examinava os arredores, seu olhar foi atraído para uma grande torre do outro lado do pátio. Na base dela, havia uma escadaria impressionante, larga o suficiente para que cinco ou seis pessoas pudessem caminhar lado a lado, sem aperto.

— O que tem ali?

— Bem, obviamente é a edificação central do castelo: a torre de menagem.